

Em si de alegre não coube
Perdoando-a, expirou.

E alegres dias passaram
Recebendo hum xarafim ,
Tê que ambos se finaram
No palacio de Pangim.

J. Norberto de S. S.

BRASILIANA.

AO FAUSTISSIMO CONSORCIO DA SERENISSIMA PRINCEZA
IMPERIAL A SENHORA D. JANUARIA COM SUA ALTEZA
REAL O SENHOR D. LUIZ DE BOURBON, CONDE D'AQUILA.

Vergin di servo encomio
E di codardo oltraggio
Sorge or commosso al subito
Sparir d'un tanto raggio ,
E scioglie all'urna un cantico
Che forse non morrà.

MANZONI.

Com lagrimas de fogo a face adusta
Granisa infernal monstro , em furia ardendo ;
E com sangrentos labios
As cadeias remorde estrebuchando.
Gemem nos antros infernaes trombetas ,
Gruda nos punhos fraticida alfange
A hydrophoba anarchia ;
Serpes de fogo pelo ar bofando ,
Insana , no damnado arranco intenta,
Os eixos perturbar onde a concordia
A orbita descreve em aureas zonas.

O anjo da Brasil librando as azas
Nos pâramos sidereos
Do sol desprende hum raio que de xófre
O covil desmorona , — e despedaça
As taboas infernaes , nefando codigo ,
Onde a garra satanica arranhára
Em tortos caracteres
Fado sinistro ao brasileiro imperio.
— Guanabara victoria !
A brasilã Donzella ,
A estrella radiante de teus olhos ,
As galas nupciaes com pompa veste ;
Na fronte virginal gemmas scintillam ,
Seu regio vulto magestade expande ,
Seus pés , cujas pégadas são virtudes ,
Os degrãos do altar , mimosos tocam ,
Vertem-lhe os cirios odoroso lume
De celeste fragancia.
Com Deos no coração , com Deos na mente ,

Dos labios virginaes adejam , eandidos ,
Asceticos perfumes , que alheados
Aos das aras thuricremas , sagradas ,
Hum hymno mysterioso cadenceiam ,
Tão grato como as dulcias dos archanjos ,
A'quelle cujas vistas , cuja dextra ,
Penetram no infinito , e o espaço medem ;
A seu lado , Garboso , Augusto Principe ,
De S. Luiz bisneto , aguarda ovante
A conquista celeste de hum thesouro ,
Que invejára dos reis toda a ambição.

Da-me , patria , hum sacrario onde clausure
Com chave diamantina
Este dia de gloria ;
Antes que o manto tenebroso , eterno ,
Do involuntario olvido
No sepulchro me abafe os sons da lyra ,
Antes que horrivel boreas
Desfechado dos antros do silencio
Derroque a cup'la d'ouro
De minha gratidão , e extinga a flamma
Que a meu ser aviventa entre os mais seres.

Dá-me patria hum sacrario onde clausure
O padrão que hum archanjo burilára
N'este dia brasilio ;
E dá-lhe a duração da eternidade :
Fulgurem-lhe quaes cirios sacrosantos
Os astros sempiternos ,
Qual thurib'lo de amor aromas soltem ,
Os peitos brasileiros ,
E pendam de seus labios
Hymnos fagueiros , preces venturosas.

Crescei , augustas plantas d'aureo tronco ,
Portentosas raizes profundando ,
Iguaes aos gigantes nobres rios
Que abraçam d'este imperio o aureo solo :
D'este imperio que aguarda no futuro
A palma conquistar , colher os louros
Que ora a Gallia e Britania ovantes colhem.

Com tripudio infernal o septicismo
Se mergulha no chaos vociferando !
Voa nos ares calcinada em cinzas
A oriflamma sangrenta
Que plantára nos Andes braço apostata ;
Que as agoas sonoras , diamantinas ,
Do Prata , do Amazonas , do Guayba
Com ferro fraticida tem toldado.
Crescei augusta planta d'auro tronco
No solo americano ;
Que o nectar de teus fructos prelibamos
Delirantes voando em plaustros d'ouro
A' mêta das grandezas.

Avulta á sombra augusta ao regio amparo

Do manto bragantino d'esse principe,
Portento de prudencia e de candura,
Palladio brasileiro
Sagrado baluarte onde resvalão
As ondas da ambição, onde se embotam
Os gladios da anarchia,
E que do alto do throno a dextra estende
A hum porvir grandioso, a hum sec'lo d'ouro.

Mente de semideos, fitando o mundo,
O destino dos povos n'huma relampago,
Como hum gigante immenso sobre o globo
O immortal genitor passou marcando
Esta luminosa que acoberta

Dous povos em dous mundos!
Na chamma de seu genio acrysolada
A Phenix das nações regenerou-se!
C'hum brado no Ypiranga, outro no Douro
Do pó do aviltamento ergue dous mundos,
E no peito do gripho bragantino
Quinto Imperio escreveu! Basta de gloria!
Para a historia immortal cabal renome
Perante a humanidade avante herdaste!
E que dote, Princeza, mais sublime?

Pupilla do Brasil, eis teu morgado,
Firmado no heroismo, e para o esposo
As maternas virtudes d'essa deosa,
Que em meu peito gravou saudade eterna,
E eterna aos Brasileiros.

Tua stirpe, sem par, domina e rego
O globo retalhado
Pelas agoas e terras, climas, linguas!
Paternos louros, gloria perduravel
O berço te embalaram grandiosos.
Pupilla do Brasil, colhe hoje hum premio,
Que em vestuvios de amor donoso brota
No peito augusto, na illustrada mente
Do filho de Parthenope divina.

Abunda-te a virtude, como un Deos
A bondade infinita sup'rabunda!
Nas annaes de meu peito, nos da mente

Maxima gratidão em aurea pagina
Comigo descera na sepultura.
Ah! não ouse lembrar, não se entrelace
No mimoso festão que me orna a lyra
N'este dia de jubilo, d'encantos,
O funebre eypreste.

Isento da catastrophe
Meus braços mil delicias derramarão
A' Madre, à Esposa, à filha,
E colherão de amor doces torrentes.
O cego que recobra a luz da vista,
O naufrago que abraça o filho a salvo,
E o senho aterrador do mar contempla,
De cima d'hum penhasco, e enverga ainda
O quebrado baixel coalhando as ondas,
O esposo que vê surgir das ruinas
Depois de hum terremoto a terna esposa
Ou aquelle a que raio as vestes queima
So podem descrever essa alegria
Que assoma em turbilhões no peito humano,
Em quanto hum echo interno não desperta
O quadro luctuoso do passado!

Oh tu, Princeza augusta,
Das filhas do Brasil a mais querida!
Permitte ao grato vate que transforme
A lagrima piedosa, que em teu rosto
Deslisando estampou tua bondade,
Em nobre monumento erguido as artes.

Oh musa epithalamica
Colhe as flores do Eden,
Sublima-te no vôo ardente e puro;
Eleva a tua fronte,
Ladeada da fé e da esperança,
Entoando mil hymnos de ventura
Por Luiz, Januaria,
Alegre vai beijar do Omnipotente
O pé, que ao firmamento o moto impelle.

Manoel de Araujo Porto-Alegre

